

FACETA LINGUÍSTICA: reflexões a partir de práticas de uma docente do primeiro ano do ensino fundamental

Regina Aparecida Correa¹

Sara Mourão Monteiro²

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: O presente texto apresenta dados parciais de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, que tem como objetivo analisar a construção das práticas docentes em alfabetização por professoras iniciantes que lecionam para turmas de primeiro ano do ensino fundamental presencialmente pela primeira vez. A referida pesquisa está sendo realizada no Sul de Minas Gerais, com duas docentes que lecionam, pela primeira vez, para uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, em uma mesma instituição. Assim, neste texto, são descritos e analisados dois fragmentos de duas situações desenvolvidas por uma das professoras junto aos discentes. Por meio dos fragmentos, é possível perceber as reflexões acerca do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) que são proporcionadas pela docente ao não fazer um controle rigoroso das palavras, tal como nos métodos tradicionais, embora o seu trabalho seja organizado em consonância com o método fônico, conforme a orientação da Secretaria Municipal de Educação. Além disso, em tais reflexões, a docente aborda aspectos importantes do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, como os fonemas vocálicos e a nasalização. Embora a análise esteja no início, os dados aqui apresentados corroboram com a hipótese de que a docente possui um certo conhecimento linguístico que oportuniza reflexões acerca da faceta linguística.

Palavras-chaves: Alfabetização; faceta linguística; práticas docentes; primeiro ano do ensino fundamental.

¹Doutoranda em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Contato: reginacorreasol@hotmail.com

²Doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora do Magistério Superior na UFMG. Contato: mourao.sara@gmail.com

Introdução

O presente texto aborda algumas questões oriundas de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Emílio Diniz-Pereira e da Profa. Dra. Sara Mourão Monteiro, cujo objetivo é analisar a construção de práticas docentes em alfabetização por professoras iniciantes que lecionam para turmas de primeiro ano do ensino fundamental pela primeira vez.

A justificativa para a realização da investigação acadêmica mencionada relaciona-se à necessidade de refletir sobre a formação do(a) professor(a) alfabetizador(a), que ocorre, em geral, no Curso de Pedagogia, com poucas disciplinas referentes à alfabetização e ao letramento; à complexidade da aprendizagem inicial da leitura e escrita, cujo início formal ocorre no primeiro ano do ensino fundamental; e ao fato de ser uma temática ainda pouco explorada dentro do campo de pesquisa de docência e/ou formação de professores.

A pesquisa é qualitativa, de tipo etnográfico e está sendo desenvolvida em um município localizado no Sul de Minas Gerais, com duas professoras que lecionaram presencialmente, pela primeira vez, para turmas de primeiro ano do ensino fundamental em 2022, em uma mesma instituição municipal de ensino. Embora as duas docentes tivessem lecionado nos dois anos anteriores para turmas de primeiro ano, em decorrência da pandemia de Covid-19, a primeira experiência presencial ao longo de um ano ocorreu apenas em 2022.

As duas professoras foram selecionadas por meio de um questionário aplicado com o auxílio da Secretaria Municipal de Educação, de coordenadoras e/ou diretoras de escolas estaduais e particulares que ofertam turmas de primeiro ano do ensino fundamental no mesmo município. Além do questionário, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista, observação e análise de documentos.

A observação foi realizada ao longo de 2022, em duas turmas de primeiro ano do ensino fundamental. Com o intuito de ampliar o escopo da coleta, no primeiro semestre, a observação foi realizada dois dias por semana em cada turma, em esquema de revezamento. Assim, a turma observada na segunda e na terça em uma semana, era observada na quarta e na quinta da semana seguinte. No segundo semestre, em razão da quantidade de dados que tinham sido coletados no primeiro semestre e da necessidade de escrever o texto da qualificação, alteramos a rotina de observação, que passou a ocorrer uma semana por mês em cada uma das turmas.

Paralelamente à observação, foram realizadas cinco entrevistas com cada uma das docentes. Além de abordar questões relacionadas à identificação e caracterização das docentes, como a idade e a formação acadêmica, tais entrevistas possibilitaram a

compreensão de aspectos notados na observação. Por fim, durante a observação foi possível ter acesso a diferentes documentos, como atividades xerocopiadas, planos de aula, cartazes e livro didático. Tais documentos também compõem os dados e serão analisados por meio do diálogo com os referenciais teóricos desta investigação.

Neste texto, serão descritos dois fragmentos de situações observadas na turma de uma mesma professora. Em seguida, os fragmentos serão analisados com base nas reflexões feitas pela docente acerca do SEA e nos procedimentos de ensino utilizados nos conteúdos por ela trabalhados. A partir da análise serão apresentadas algumas hipóteses preliminares acerca das práticas docentes desenvolvidas por essa professora, especialmente no que se refere ao trabalho com a faceta linguística do ensino da língua escrita.

Por fim, explicitamos que utilizamos como referenciais teóricos as obras dos autores Ana Maria Salgueiro Caldeira, Anne-Marie Chartier, Elsie Rockwell e Ruth Mercado e José Gimeno Sacristán, para o conceito de práticas docentes, e dos autores Artur Gomes de Morais, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Magda Soares e Maria do Rosário Longo Mortatti, para o conceito de práticas docentes em alfabetização.

2 Fundamentação teórica

Em razão do objetivo da pesquisa, dois conceitos têm sido fundamentais para a análise dos dados coletados: práticas docentes e práticas docentes em alfabetização. Para a compreensão do conceito de práticas docentes, foram fundamentais as obras dos seguintes autores: Ana Maria Salgueiro Caldeira, Anne-Marie Chartier, Elsie Rockwell e Ruth Mercado, José Gimeno Sacristán. Pelas obras dos autores citados, foi possível compreender a prática docente como um processo contínuo, dinâmico, multifacetado, que ocorre ao longo da vida e é constituído por diversos fatores como, por exemplo, os sociais, culturais, materiais e/ou institucionais.

Em relação ao conceito de práticas docentes em alfabetização, foram essenciais as obras dos autores: Artur Gomes de Morais, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Magda Soares e Maria do Rosário Longo Mortatti. As obras desses autores têm possibilitado compreender a história da alfabetização, especialmente a partir da Proclamação da República, em que, da necessidade de alfabetizar, que precedeu o conhecimento sobre como a criança aprende, decorreu a querela dos métodos de alfabetização. Além disso, têm possibilitado compreender as diversas facetas envolvidas no processo de aprendizagem da língua escrita, bem como o desenvolvimento das crianças ao longo desse processo.

3 Resultados e Discussão

Nesta seção, serão apresentados dois fragmentos de duas atividades desenvolvidas por uma das docentes participantes da pesquisa. Tais fragmentos estão relacionados a algumas hipóteses em relação ao trabalho desta docente no que concerne à faceta linguística da aprendizagem da leitura e escrita.

É importante mencionar que, de acordo com as professoras participantes da investigação acadêmica, o método fônico é adotado pelo município em que os dados da pesquisa foram coletados, com um cronograma que orienta os conteúdos que devem ser introduzidos e trabalhados a cada semana. Para além, na sala das duas docentes ficam expostos, na parede central da sala, o “alfabeto das boquinhos” e um silabário.

A professora cujas atividades serão descritas nesta seção graduou-se em Pedagogia. Quando respondeu ao questionário, em fevereiro de 2022, tinha 31 anos. Durante o ano de 2022 trabalhou em dois turnos: no período da manhã, trabalhava como professora de apoio em uma escola e, no período da tarde, trabalhava como regente da turma de primeiro ano em outra. Quando os dados foram coletados, era o quarto ano em que trabalhava como docente e o terceiro em que estava como professora efetiva na escola em que lecionava para a turma de primeiro ano. Antes de trabalhar com turmas de primeiro ano, a professora lecionou para uma turma do quarto ano.

Em relação às práticas dessa docente, ao introduzir as letras/grupos silábicos que seriam trabalhados a cada semana, conforme o cronograma da Secretaria Municipal de Educação, normalmente, a professora “tentava” pronunciar isoladamente os fonemas, unindo-os, depois, para formar as “famílias silábicas”, que eram lidas posteriormente no silabário. Em seguida, a docente fazia o levantamento de palavras iniciadas com cada uma das sílabas do grupo silábico trabalhado.

No levantamento de palavras feito pela docente junto aos discentes nesse momento e em muitas das atividades desenvolvidas a cada conteúdo trabalhado, ela não fazia o controle rigoroso das palavras, tal como nos métodos que ficaram conhecidos como tradicionais. Isso possibilitava que, no transcorrer da atividade, a docente abordasse não só as sílabas do grupo silábico que estava em questão ou sílabas que possuíssem a mesma estrutura silábica, mas explorasse outros conteúdos/propriedades do sistema de escrita alfabética. Diante disso, a hipótese é a de que ela possui um certo conhecimento linguístico que mobiliza diversas possibilidades de reflexão acerca da faceta linguística, ainda que, em sua prática, seja possível perceber uma organização do trabalho pautada pelo método fônico.

O primeiro fragmento que será mencionado faz parte de uma atividade que foi

desenvolvida no dia 15 de março de 2022, primeiro dia de observação na sala dessa professora. Nesse dia, ela estava trabalhando com a ordem alfabética. Para tanto, escreveu o nome dos discentes na lousa, em ordem alfabética, relacionando tal conteúdo à escolha do ajudante do dia, que é feita por ordem alfabética. Ao introduzir o tema, a docente retomou o ditado de letras que havia dado no dia anterior, explicando que nele não havia necessidade das letras estarem em ordem, diferente do que seria trabalhado naquele dia.

Ao escrever os nomes das crianças que começavam com a letra “A”, na lousa, a docente o fez escrevendo primeiro a letra e depois o nome dos alunos, após o sinal de igual, do seguinte modo: A = ALYCE – ANA LAURA. Ao escrever os nomes das alunas Alyce e Ana Laura, explicou a diferença do som do “A” em cada um desses nomes, pronunciando o som do “A” em Alyce e no primeiro “A” - vogal nasalizada - da palavra Ana. Mais adiante, nessa mesma atividade, explicou que a letra “E” pode ter som de “E” e de “É”, como no nome do aluno ERICK.

O segundo fragmento faz parte de uma atividade realizada no dia 12 de abril de 2022. A docente realizou um banco de palavras iniciadas com as letras P, B e D, em um sulfiteado afixado no centro da lousa. A fim de caracterizar o contexto em que essa atividade foi desenvolvida, é importante mencionar que na semana em que foi realizada haveria o feriado da Semana Santa. Assim, a docente tinha três dias para introduzir o grupo silábico da letra D e retomar os grupos silábicos das letras P e B, pois na semana seguinte haveria avaliação, de acordo com o cronograma da Secretaria Municipal de Educação, já mencionado. Podemos inferir, então, que a atividade realizada foi uma estratégia utilizada tanto para trabalhar com a letra D, que estava sendo introduzida naquela semana, quanto para retomar os conteúdos inerentes ao grupo silábico das letras P e B.

Após afixar o sulfiteado, a professora aproximou o silabário do centro da lousa. Recordou, no silabário, o grupo silábico das letras que já tinham sido trabalhadas: B, P e D. Para tal, dizia: - B+A= BA, B+E= BE, e assim por diante. Ao falar “B+O= BO”, uma criança lembrou à docente que o “B+O” também pode ser “BÓ”. A professora fez o mesmo procedimento com o grupo silábico da letra P e da letra D.

Em seguida, a docente perguntou a cada uma das crianças, em ordem de fileira, uma palavra que começava com as sílabas do grupo silábico da letra B, depois do P, depois do D e assim sucessivamente. Ao perguntar uma palavra que começava com a letra B, uma criança falou a palavra BOLA. A docente enfatizou que, nesta palavra, a sílaba “BO” tem som de “BÓ”. Outra criança disse a palavra DADO. A professora explicou que nessa palavra as duas sílabas são compostas por sílabas do grupo silábico D, sublinhando as duas sílabas da palavra.

Uma outra criança disse a palavra BOLO. Neste momento, após escrever a palavra BOLO no sulfiteado, a professora comparou com a palavra BOLA, que havia sido escrita

anteriormente. Na comparação, chamou a atenção para o fato de que, nas duas palavras, há apenas uma letra que as diferencia, mostrando o “A” em BOLA e a letra “O” em BOLO. Também ressaltou que em BOLA a sílaba “BO” tem som de “BÓ” e que em BOLO a mesma sílaba tem som de “BO”.

Nos dois fragmentos mencionados, é possível perceber alguns aspectos. Primeiro, ao explicar que a palavra DADO é composta por sílabas do mesmo grupo silábico e ao comparar a escrita das palavras BOLA e BOLO, mostrando que o que as diferencia na escrita é apenas uma letra, a professora está estimulando as crianças a refletirem tanto sobre o “todo” das duas palavras quanto a observarem uma parte específica que compõe cada uma delas. Tal reflexão das palavras a partir da notação escrita favorece, conforme Morais (2019), a reflexão sobre as partes sonoras das palavras.

Segundo, embora trabalhe com o conteúdo previsto no cronograma da Secretaria Municipal de Educação – ordem alfabética, no primeiro caso, e “família” silábica das letras P, B e D, no segundo –, ao não realizar o controle rigoroso das palavras, como mencionado, a professora aborda diferentes conteúdos, como por exemplo a vogal nasalizada, ao comparar o som da letra “A” em ALYCE e em ANA, e as vogais orais, ao comparar a escrita das palavras BOLA e BOLO e ao explicar que a letra “E” pode ter som de “E” e de “É”.

Terceiro, o comentário feito pela aluna de que o “B+O” também pode ser “BÓ” demonstra que esse tipo de reflexão é comumente feita pela docente, tal como vimos no primeiro fragmento, ao explicar que a letra “E” pode ter som de “E” ou de “É”, como em “ERICK”. Esse tipo de reflexão foi observado em diversos outros momentos no decorrer do ano. Ao refletir sobre esses aspectos, assim como sobre as vogais nasalizadas, a docente está trabalhando com um conteúdo que causa bastante dificuldade durante o processo de alfabetização: os fonemas vocálicos.

Os fonemas vocálicos causam dificuldade uma vez que, comumente, é ensinado que o português brasileiro possui cinco vogais enquanto possui doze. Soares (2016) destaca que, frequentemente, os livros didáticos e os livros de alfabeto focam as vogais orais, não distinguindo entre as abertas e fechadas, e omitindo as vogais nasais. Além disso, a autora acrescenta que em alguns livros e outros materiais, a não distinção entre vogais orais e vogais nasais é ainda mais prejudicial quando apresentam, por exemplo, o fonema inicial da palavra anjo como sendo /a/ enquanto, na verdade, é /ã/. A representação da nasalidade é apontada por Soares (2020) como uma das maiores dificuldades encontradas pelas crianças no processo de aprendizagem da língua escrita.

Nos dois fragmentos mencionados, a docente não explica que há doze fonemas vocálicos, distinguindo as vogais nasais das vogais orais e explicitando a diferença entre abertas e fechadas. Entretanto, ao comparar o som das letras nas palavras, o que a docente faz é mostrar que não temos apenas cinco vogais.

As reflexões promovidas pela professora nos dois fragmentos são fundamentais para a apropriação do sistema de escrita alfabética. É importante destacar que, embora a criança, em geral, chegue à escola com algumas hipóteses acerca do funcionamento do SEA, em razão da sua complexidade, é necessário que ela se envolva em atividades que possibilitem a reflexão sistemática acerca desse sistema. Conforme Moraes (2012), as regras do SEA não estão prontas na mente do aprendiz e nem são construídas de uma hora para outra, mas constituem um processo evolutivo de aprendizagem, por meio do qual as crianças aprendem aspectos convencionais e conceituais.

Por fim, a professora, nos dois fragmentos, utiliza o procedimento da comparação. De acordo com Monteiro (2005), este procedimento é utilizado com o intuito de fazer com que os discentes observem as diferenças e semelhanças em distintos objetos de análise, que podem ser sílabas, palavras ou frases. Tal procedimento é importante para que os alunos reformulem ou criem hipóteses acerca do SEA, haja vista que, por meio dele, podem comparar as regularidades e irregularidades na configuração sonora e gráfica das palavras (MONTEIRO, 2005).

4 Considerações Finais

Os fragmentos apresentados neste texto, oriundos da observação da prática docente de uma professora que leciona pela primeira vez para turmas de primeiro ano, demonstram algumas reflexões feitas acerca da faceta linguística ao trabalhar com conteúdos elencados no cronograma da Secretaria Municipal de Educação. Tal faceta ficou obscurecida a partir da década de 1980, especialmente a partir de interpretações equivocadas acerca das pesquisas sobre o desenvolvimento da criança na aprendizagem da língua escrita e do conceito de letramento.

Embora, de acordo com as docentes que participam da pesquisa de doutorado em desenvolvimento, o município tenha feito a opção pelo trabalho com o método fônico, com um cronograma que define os conteúdos e a sequência em que serão introduzidos/trabalhados, a professora proporciona oportunidades de reflexão sobre aspectos essenciais para a compreensão do SEA, como os fonemas vocálicos e a nasalização, distanciando-se, um pouco, do que normalmente é trabalhado no âmbito dos métodos denominados como tradicionais, tal como o fônico, por exemplo.

Os dados apresentados corroboram a hipótese de que a docente em questão possui um certo conhecimento linguístico que serve de base para as reflexões que são promovidas. Contudo, como a análise ainda está em andamento, os dados precisarão ser confrontados com outros, a fim de serem confirmados ou refutados.

Não obstante o exposto, é mister reiterar que compreender as práticas docentes

demanda um esforço considerável na tentativa de entender todos os fatores que contribuem para que a prática se materialize de um ou outro modo no cotidiano da sala de aula.

Referências

MONTEIRO, Sara Mourão. Procedimentos de ensino e processo de alfabetização: seleção e realização de atividades em sala de aula. *In*: GOMES, Maria de Fátima Cardoso; MONTEIRO, Sara Mourão. A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de. Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo, Contexto, 2020.